

PAUL TEYSSIER  
12.12.1915 – 10.1.2002

Os estudos lingüísticos, filológicos e literários de língua portuguesa sofreram uma perda, sobre dolorosa, enorme, com o falecimento de Paul Teyssier, abatido por uma síncope cardíaca aos 10 de janeiro último, perto da residência em Meudon, Paris, retornando de um encontro com seu editor. Professor da Universidade de Paris-Sorbonne, aposentado há já alguns anos, continuava Teyssier envolvido com pesquisas e trabalhos que, desde a sua tese principal de Doctorat d'État, publicada em 1959, o guindaram a um dos mais altos postos na galeria dos lusitanistas e brasilianistas franceses.

Integrava Paul Teyssier a equipe de universitários da escola desse mestre inolvidável que foi Georges Le Gentil, escola que soube honrar até agora quando trabalhava com seus colegas portugueses a tradução, ampliada e melhorada, de sua tese atrás referida, *La langue de Gil Vicente*.

Com mão de mestre, perspicaz e profundo, teve a boa idéia de mergulhar na cultura portuguesa do Renascimento, da época de Gil Vicente e do Iluminismo. Centrou-se, inicialmente, no teatro vicentino, pelo qual, convidando a pesquisas, circulavam personagens de variadas condições sociais com suas variedades lingüísticas em todo o domínio do idioma: na fonética, na gramática (morfologia e sintaxe), no léxico e na estilística. Além do testemunho vivo da mentalidade da época, Paul Teyssier embrenhou-se por essa *selva selvaggia* que já tinha atraído a erudição de uma Michaëlis de Vasconcelos (*Notas Vicentinas* [1912-1922]), de Óscar de Pratt (*Gil Vicente: Notas e Comentários* [1931]), de seu próprio mestre Georges Le Gentil, e onde Manuel Said Ali encontrara farto material para suas investigações lingüístico-filológicas. Isto sem contar o livro pioneiro de Braamcamp Freire sobre *Vida e Obras de Gil Vicente* [1919].

Em *La langue de Gil Vicente*, nas 554 páginas de que se compõe a obra, Teyssier estuda principalmente aspectos lexicais que sinalizam as variedades sociais e até sutilezas psicológicas. Surpreende as formas arcaicas utilizadas pelas mulheres mais velhas em contraste com as formas novas de Inês Pereira e de outras raparigas postas em cena.

Surpreende, por exemplo, a variação dos ditongos *ou/oi* no linguajar dos judeus, além da fala dos parvos, dos negros, em oposição ao linguajar pedantesco dos clérigos de meia ciência, dos advogados matreiros, do enamorado Velho da horta. Não deixa de lado a questão do “sayagués” (língua

pastoril) e os interessantes e intrigantes problemas que põe o emprego do plurilingüismo no teatro vicentino.

De tudo isto tratou o mestre com a pertinência não só de um profundo conhecedor da língua portuguesa, mas de um linguísta que possuía a técnica para suas perquirições sempre muito bem desenvolvidas. Está claro que muita coisa dessa extraordinária riqueza idiomática não pôde ser contemplada na edição francesa de 1959. O próprio autor em conversa ou em comunicação em congressos já o afirmara; de modo que, passados tantos anos debruçado sobre o teatro vicentino e sobre autores contemporâneos que integraram sua escola no século XVI, esperamos todos que essa tão esperada tradução portuguesa venha preencher várias dessas lacunas, algumas das quais já constituíram temas de estudos publicados no correr dos anos.

Ainda no domínio dos estudos vicentinos, devemos a Teyssier uma brilhante síntese do dramaturgo no livro *Gil Vicente, o Autor e a Obra* (Biblioteca Breve, Lisboa, 1982), e uma edição crítica e comentada de *Romagem d'Agravados* (Paris, 1975). Mais recentemente, coordenava na Série Lusitana das Editions Chandeigne, de Paris, a seção Teatro de Gil Vicente, em que publicou até agora dois dos quatro volumes de edição crítica, com introdução, tradução francesa e preciosas notas; *Triomphe de l'hiver et du printemps* (Triunfo do Inverno e do Verão), *Le plainte de Maria la Noirande* (Pranto de Maria Parda), a que se seguirão outras obras vicentinas.

Ao lado dessa atividade, Paul Teyssier se foi cada vez mais inteirando da língua portuguesa em toda sua dimensão histórica, geográfica e social. Tanto penetrava na *Comédia de Dio*, de Simão Machado (de que nos deu uma edição crítica, publicada pelas Edizioni dell'Ateneo, de Roma, em 1969), como na explicação da passagem em "picardo" vicentino do *Auto das Fadas*; ou no estudo da pronúncia das vogais portuguesas no século XVI; ou na descrição dos dêiticos espaciais no português do século XIV ao XVI; ou no intrincado significado do termo *fanchono* da conhecida *Comédia do Fanchono* de Antônio Ferreira; ou na importância de Jerônimo Cardoso como o pioneiro da lexicografia portuguesa com seus três dicionários, especialmente o português-latino, publicado em 1562-1563; ou no estudo da negação nos crioulos portugueses, entre muitos outros palpitantes assuntos.

Toda essa atividade entrevê o filão propriamente literário que nunca deixou de atrair esse mestre extraordinário. Começamos pela sua impecável tradução para o francês de *Os Maias*, de Eça de Queirós, sem desprezar seu interesse pela literatura brasileira, refletido no ensaio sobre o mito indianista na literatura brasileira ou noutro sobre a brasilidade do Rio Grande do Sul vista pelos intelectuais modernistas, ou ainda no estudo acerca do Brasil primitivo e mágico de Guimarães Rosa, de *Grande Sertão: Veredas*. Além de

temas pontuais de língua e de literatura, Paul Teyssier enfrentou outros de maior amplitude e de permanente discussão, como suas considerações relativas ao avesso do ufanismo da epopéia, na expansão do império português, (já no tocante à fé foi veemente na *Exortação da Guerra*), fustigado, por exemplo, no aparentemente desrespeitoso *O Auto da Índia* (1509), encenado perante o rei e a rainha de Portugal, numa fase de ascensão do poderio náutico e militar do país, ou ainda na *Peregrinação* (só publicada em 1614), dessa extraordinária figura da literatura portuguesa de viagens, ainda mina à espera de mil investigações, que é Fernão Mendes Pinto.

A esses estudos de preocupação mais ampla podemos juntar suas considerações sobre o humanismo português e a Europa; um outro relativo às fronteiras da latinidade e mais aquele sobre a língua portuguesa no mundo.

Eram concorridíssimas as sessões de congressos em que falaria Paul Teyssier, bem como repletas eram as salas de seus cursos universitários pelas numerosas instituições homenageadas com a sua presença simpática e acolhedora, quase sempre na companhia da jovial Madame Geneviève Teyssier, a quem rendemos também nossa homenagem.

Conhecedor profundo da língua portuguesa na sua construção histórica e na sua funcionalidade sincrônica, Paul Teyssier estava fortemente habilitado a escrever duas sínteses magníficas no domínio lingüístico: a *História da Língua Portuguesa*, publicada inicialmente na prestante coleção francesa *Que sais-je?* (1980), traduzida e anotada pelo seu amigo (1982, Lisboa, Sá da Costa Editora) e nosso saudoso mestre Celso Cunha; e o *Manual de Língua Portuguesa* (Portugal-Brasil, Paris, Editions Klincksieck, 1976), traduzido por Margarida Chorão de Carvalho (Coimbra, Coimbra Editora, 1989), em que revela a apreensão dos usos mais sutis de nossa língua nas duas bandas do Atlântico.

Em 1990 a Fundação Calouste Gulbenkian, com apresentação de sua diretora, a saudosa Maria de Lourdes Belchior, homenageia Paul Teyssier, reunindo 14 dos seus escritos no volume *Études de littérature et de linguistique* (Centro Cultural Português-Paris) e com rica notícia bibliográfica. Evelina Verdelho e Telmo Verdelho nos oferecem a seguir comovido retrato de corpo inteiro do Homem e do Intelectual que foi Paul Teyssier. Agora, cabe aos seus discípulos e amigos a publicação de seus esparsos, que sobem a mais de meia centena de títulos.

É este investigador admirável que perde a França; é este profundo cultor da Cultura, da Língua e das Literaturas em português que perdem os discípulos e estudiosos desses domínios humanísticos por ele lavrados com a finura da *sagesse* e a erudição do *savoir*; é, enfim, esse Amigo perdido que, para consolo nosso, guardaremos em nossa lembrança e em nosso coração machucado.

*Evanildo Bechara*